

## Conclusão

Elizete Passos

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PASSOS, E. Conclusão. In: *De anjos a mulheres: ideologias e valores na formação de enfermeiras* [online]. 2nd ed. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 183-189. ISBN 978-85-232-1175-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## Conclusão

De acordo com o que foi apresentado, podemos concluir que a base **ideológica** da enfermagem sempre foi de cunho **religioso**, o que tem acarretado a ela um distanciamento da postura **científica e profissional** em favor de um perfil de serviço abnegado, caritativo e devotado.

Tal perfil, por sua vez, se identifica com as características atribuídas ao ser **feminino** e ao seu trabalho, enquanto atividade periférica, secundária e auxiliar. Desse modo, a enfermagem é vista como uma ocupação complementar na área de saúde.

Como dissemos, são muitas as indicações de que essa situação começou a se modificar a partir da década de 1980 em decorrência do processo de conscientização das desigualdades de sexos por parte das mulheres e dos movimentos reivindicatórios que elas passaram a liderar desde a década de 1970. Diante da visualização que o problema atingiu, o poder constituído criou ou apoiou a criação de organismos institucionais, como os Conselhos dos Direitos da Mulher, na década de 1980, facilitando a participação das mesmas nos governos estaduais. Também no campo da saúde, algumas iniciativas foram tomadas com a criação de programas voltados para a saúde da mulher, como o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM) no ano de 1983.

Apesar dessas iniciativas representarem alguma melhoria na condição feminina, não impulsionou modificações significativas no concernente à sua cidadania, pois se caracterizaram muito mais como concessões do que como conquistas. Entretanto, o avanço nas lutas femininas também trouxe alterações na enfermagem enquanto uma profissão majoritariamente exercida por mulheres.

Essas mudanças podem ser percebidas no maior nível de participação política das profissionais da enfermagem nas últimas décadas, no maior investimento na pesquisa, na mudança de eixo que os trabalhos dessas profissionais passaram a realizar, dando mais espaço à reflexão acerca da condição da mulher na sociedade.

Na Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, essas modificações foram sentidas em vários aspectos, começando pela disposição em discutirem questões até então desprezadas ou não enfrentadas, como a que diz respeito à sua **submissão**. Os corpos docente e discente têm consciência de que não podem mais encobrir o problema porque essa atitude não ajuda a resolvê-lo e, sim, a fortalecê-lo. Diante dessa nova postura, as atuais alunas e enfermeiras se recusam a aceitar o papel de **auxiliares de médicos** e exigem que sejam tratadas como iguais. Nessa caminhada, abrem espaço para **discutirem a questão salarial**, até bem pouco tempo considerada incongruente, enquanto essa era tida como um serviço que visava socorrer o outro. Repetia-se, com isso, a mesma prática de tomar o trabalho feminino como uma obrigação natural e sem necessidade de pagamento, dificultando que as mulheres pudessem ter novas oportunidades e novo *status* social. O fato é que a maioria das estudantes e professoras da Escola de Enfermagem, hoje, a vê como uma profissão e, desse modo, entendem que devem cobrar pelos seus serviços, como qualquer outro profissional.

A categoria também vem conseguindo romper com outros tabus, como aqueles relacionados às **normas** que regem a conduta das suas profissionais. O primeiro código de ética da profissão, surgido na década de 1950, trazia uma orientação **metafísica**, tendo no ato de servir a principal atividade da enfermeira e a obediência aos médicos e às autoridades como inquestionáveis. O código elaborado na década de 1990 sinaliza com uma postura **histórica** e uma visão de processo.

O maior engajamento político que as profissionais da enfermagem vêm tendo e as alterações que vêm acontecendo na sua orientação ideológica têm possibilitado a reflexão sobre questões sociais, deixando de tratar a saúde como uma entidade abstrata e passando a ver o paciente de forma integral, considerando os aspectos bio-psico-social. As atuais alunas da Escola de Enfermagem percebem essas mudanças através do empenho de muitas professoras em levá-las a entender a política de saúde no país.

Essa é uma atitude crítica importante para o avanço da profissão e para a melhoria dos serviços de saúde oferecidos à população. Se, antes, a atitude da enfermagem era de acatamento das políticas governamentais, hoje ela busca avaliar e entender a situação a fim de saber a atitude a ser tomada.

Essas modificações estão em fase inicial e em muitos casos ainda não foram assimiladas pelas profissionais. Entretanto, existe um consenso entre as professoras e estudantes da Escola de Enfermagem entrevistadas, de que o campo da enfermagem vem se alargando nas últimas décadas, tanto no plano da **consciência** quanto da **ação**; mas alguns artigos veiculados nas Revistas da ABEn e nos meios de comunicação de massa, no meado da década de 1980, ainda trazem algumas afirmações quanto à situação da enfermagem que merecem ser consideradas.

No XXXV Congresso Brasileiro de Enfermagem, um palestrante que não era da área<sup>1</sup> afirmou que a enfermagem continuava não recebendo da opinião pública o reconhecimento e a valorização merecidos. Entre os argumentos utilizados por ele para explicar a situação, salientou que a sociedade continua não sabendo **distinguir** uma enfermeira, nem conhecendo suas funções e competências, de modo que continuava vendo-a como

[...] aquela auxiliar do médico que não é doutora [...] é a moça da touca branca e da cruz vermelha dos filmes de televisão [...] é quem carrega a maca ou empurra a cadeira de rodas [...] é quem aplica injeção e tira a temperatura [...] é quem fica mais tempo do lado do paciente [...] é quem manda chamar o médico na hora que precisa [...] é quem ajuda o cirurgião a operar ou a criança a nascer [...].(LÍBERO, 1986 )

Sua fala é significativa à medida que mostra o quanto a profissão ainda precisa caminhar, pois fica evidente a manutenção de velhos problemas da enfermagem, na atualidade, como o que diz respeito à falta de conhecimento da população de que existem na enfermagem **níveis** diferentes de profissionais. Assim, apesar de todo o esforço encetado pela profissão para delinear o perfil da enfermeira, o nome continua servindo ao auxiliar, ao atendente, enfim, a todas as categorias que prestam serviço e ajuda ao médico.

---

1 O jornalista e Presidente do Conselho Diretor da Fundação Gasper Líbero (1986) proferiu a palestra intitulada: *O que a enfermagem pode fazer por você e pelo Brasil*.

Esse tipo de ignorância, além de servir para repetir na profissão velhos preconceitos como os que identificavam a enfermeira como uma pessoa de pouco **saber teórico** e de **baixo nível social**, fortalece as relações de poder existentes entre a enfermagem e outras categorias da área de saúde, especialmente os médicos. As consequências disso são visíveis. Na Escola de Enfermagem, como demonstramos, a falta de candidatas sempre foi uma constante, agravada no presente por uma clientela de baixo poder aquisitivo e que chegou ao curso por segunda opção.

Nisso, o autor citado ensaia uma possibilidade de superação ao afirmar que “[...] a verdadeira imagem do enfermeiro e da enfermeira só chegará ao público, a todos os públicos, se ela se cristalizar no meio de vocês [...]”. Parece-nos que a recomendação do mesmo estava chegando atrasada, pois conforme vimos, elas já vinham trabalhando no sentido de construir um saber específico à enfermagem, de conhecerem os seus direitos e deveres, de melhorarem a qualidade do serviço prestado e, principalmente, de fiscalizarem o exercício da enfermagem.

A dialética que envolve o processo de delimitação do seu espaço e de luta para demarcar o perfil profissional, em alguns momentos, acaba servindo para ressuscitar velhas disputas, como a que pode ser inferida de um artigo veiculado no jornal *A Tarde* (ENFERMEIRAS..., 1991), onde o Conselho Regional de Enfermagem, sob a alegação de proteger a saúde da população, colocou-se contrário à disposição do governo em criar 45 mil cargos de Atendentes. O argumento recaía sobre a pouca qualificação dessa categoria e o perigo que isso acarretaria para a saúde pública. Sem dúvida, a argumentação era legítima e pertinente, porém, se considerarmos o que foi discutido em capítulos anteriores, veremos que essa polêmica não é nova. Em outros momentos, visando defender e fortalecer a enfermagem, a associação da categoria encetou uma longa luta com esses profissionais. Luta que longe de cumprir os objetivos previstos, serviu para desfocar o problema da pouca **valorização** dada à profissão, por ser vista como feminina, secundária e complementar.

Outro artigo atual<sup>2</sup> também é indicador da situação em que a enfermagem e a enfermeira se encontram, assim como dos **avanços** e **recuos** acerca do seu caminhar rumo à **profissionalização** e à **libertação**. O autor

---

2 Ver: Chaib (1992).

inicia afirmando que a enfermeira exerce uma atividade sacrificante e sofredora e se coloca como auxiliar do médico: “não há atividade que oferece tantos contrastes, mostra a vida em toda sua variedade, nudez e beleza, como a enfermeira”. Está presente nessa fala, aparentemente elogiosa, o mito da enfermeira como um ser **superior, abnegado**, quase santo, que nós identificamos no presente estudo como “anjo”. Só um ser fora do normal pode contemplar, como fazer desabrochar, ajudando o médico, velando, protegendo, a fim de dar aos dois, médico e paciente, paz e tranquilidade.

Ele (médico) está tranquilo porque ela está lá, vigiando, observando, anotando, pronta a despistar qualquer intercorrência. Silenciosa, modesta e tímida, elas não sabem o poder que possuem [...].

Esse tipo de discurso, em plena atualidade, quando constatamos o quanto a categoria tem avançado, pelo menos teoricamente, nos últimos anos, nos parece, a princípio, fora de propósito. Porém, alguém o escreveria e encontraria espaço para publicá-lo se não tivesse uma propriedade? O que o mesmo representa? Falta de atualidade do autor ou constatação de uma situação que continua sendo uma realidade na prática?

Por outro lado, o artigo toma a defesa das enfermeiras ao afirmar que elas pouco recebem os louvores pelo sucesso do serviço prestado, “[...] o mérito do seu trabalho cansativo e de sua dedicação é creditado ao médico, glorificado após a cura do doente [...]”. Por que será que um homem, médico, resolveu tomar a defesa da mulher, enfermeira? Será que elas precisam disso? Não sabem falar? Ou sua voz continua não sendo ouvida? Possuindo menos valor do que a voz do médico? Do homem?

Enfim, essas atitudes nos remetem a entender o quanto as relações de poder entre homens e mulheres continua fortalecido na sociedade, mesmo diante do muito que as mulheres têm avançado. Assim, a sociedade continua achando a mulher inferior ao homem, merecedora de menores salário e oportunidades, transferindo este tipo de entendimento para o seio de profissões que são exercidas por mulheres, como a enfermagem.

As profissionais da Escola de Enfermagem sentem que as alterações assumidas pela sociedade em relação à posição da enfermeira são pequeníssimas, como afirmou uma professora,

[...] hoje, a sociedade experimenta mudanças, mas ainda muito pouco. Ela continua vendo a enfermeira como aquela que cuida, que está ali, sem uma diferenciação de quem é uma auxiliar, técnico ou atendente [...] quando as pessoas percebem alguma diferença, começam a te chamar de doutora [...].<sup>3</sup>

Como se vê, a defesa do médico tem procedência, ou seja, a enfermeira continua não sendo visualizada como tal, mas por que não são as profissionais a levantarem essa bandeira? Será que não entendem que estão deixando mais uma vez que falem por elas, ou seja, que as mulheres estão sendo interpretadas e apresentadas pelos homens? Por outro lado, o que fazer quando são chamadas de doutoras? Aceitarem o título ou aproveitarem o momento para se apresentarem e começarem a delinear socialmente o perfil dessa profissional? Indiscutivelmente, a segunda alternativa é aquela capaz de contribuir para a alteração da situação e, não silenciar-se e sentir-se inibida para afirmar que é uma profissional diferente da médica, porém tão preparada e competente quanto deve ser aquela.

Aliada a essa postura de enfrentamento e esclarecimento da situação, outra atitude necessária é a de investir na competência técnica e política porque, somente assim, as enfermeiras terão condições de se imporem na sociedade e consigo mesmas. Pois como afirmou outra professora da Escola da Bahia, fazendo coro com um dos autores acima citados, a própria enfermeira não se convenceu ainda do valor da profissão e fala dela com receios, como se tivesse vergonha de assumi-la.

Se você perguntar às enfermeiras se a enfermagem é uma profissão, muitas vão dizer que nós não somos ainda uma profissão, somos uma prática social e dentro dessa prática social, nós temos muito de serviço doméstico [...].<sup>4</sup>

Ora, como será possível convencer à sociedade que a enfermagem é uma profissão se as próprias profissionais não têm consciência disso?

A luta é grande, pois consiste em descondicionar a mulher/enfermeira de todos os preconceitos que a sociedade introjetou-lhe, inerentes ao seu papel social, para só então conseguir que ela acredite que sua profissão

---

3 Professora da Escola desde 1980.

4 Ex-aluna da Escola de Enfermagem e professora desde 1978.

não é uma extensão dos trabalhos domésticos e que ela tem tantos direitos e poderes quanto os homens e outros profissionais da área de saúde. Direitos, não no sentido de concessões, pois como disse uma aluna da Escola de Enfermagem, “[...] a mulher não precisa que lhe deem direitos, ela tem que ter igualdade”,<sup>5</sup> o que só será conseguido se as mulheres conseguirem entender o movimento da história e pressionar as mudanças sociais através do seu trabalho e da sua luta. Nesse processo, a mudança da condição feminina favorecerá as transformações da condição das enfermeiras a partir do momento que elas passarem a enfrentar a situação de submissão e de desigualdade a que se acham submetidas e conseguirem superar o *status* de anjos e atingirem o de mulheres.

---

5 Aluna, ingressa no ano de 1990.